

UMA DESCRIÇÃO DE PORTO ALEGRE N'O PANORAMA (1843)

**Antonio HOHLFELDT (PUCRS), Jorge
Pedro SOUSA (Universidade Fernan-
do Pessoa) e João LOURIVAL (Univer-
sidade Fernando Pessoa)**

O periódico enciclopédico português *O Panorama* foi lançado pela filantrópica Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, em 1837. O primeiro número saiu no dia 6 de Maio de 1837. O periódico publicou-se ininterruptamente até 28 de Dezembro de 1844, ao longo de duas séries. A primeira série iniciou-se a 6 de Maio de 1837 e durou até ao número 243, datado de 30 de Dezembro de 1841; a segunda iniciou-se a 1 de Janeiro de 1842 e durou até 28 de Dezembro de 1844 (n.º 157 da segunda série), sem interrupção na publicação da primeira para a segunda série, num total de 400 números.

Introdução

Iniciado no período subsequente à revolução de Setembro de 1836, *O Panorama* beneficiou do espírito setembrista, amplamente favorável à democratização “proletária” do acesso à informação e à cultura. Dirigia-se, por isso, a todos os públicos, conforme proclama o principal intelectual português da primeira metade de oitocentos, Alexandre Herculano, escolhido para redactor principal do periódico pela sociedade filantrópica que o editou:

Neste estado (...) da ilustração e do progresso, o que mais importa é o (...) introduzir em todas as classes da sociedade o amor da instrução, porque este é o espírito do nosso tempo, e porque esta tendência é generosa e útil. Mas como se dilatava a instrução, como se faria descer a variada ciência até aos últimos degraus da escala social, se houvésemos de empregar nisto essa multidão de escritos (...), esses inumeráveis

livros (...) acumulados em bibliotecas (...)? Fora baldada empresa (...). Além disso, o homem público, o artista, o agricultor, o comerciante, ligados a uma vida necessariamente laboriosa, poucas horas têm de repouso para dar à cultura do espírito, e nenhum ânimo, por certo, seria assaz curioso de instrução para gastar esses curtos momentos em folhear centenas de volumes e embrenhar-se em meditações profundas (...). Que é (...) necessário fazer para que seja satisfeita a necessidade de generalizar a instrução (...)? A solução deste problema encontra-se (...) (n)os jornais de instrução popular. (Alexandre Herculano, Introdução, *O Panorama*, 1837, vol. I, n.º 1, p. 1)

Com intenção mercadológica, se o público a quem se destinava parece ter sido claramente delimitado na mente dos promotores do jornal, o produto – isto é, o próprio jornal – também foi trabalhado, para corresponder aos interesses e necessidades do primeiro. Assim, *O Panorama* apresentou-se publicamente como um jornal que seguia o modelo britânico da *Penny Magazine*, uma revista cuja denominação – *magazine* –, à maneira dos grandes armazéns onde se vendia de tudo um pouco, prometia que nela se falaria de tudo um pouco. Porém, segundo as palavras de Herculano, foi preciso mudar a orientação editorial do periódico a partir de 1837, pois o modelo da *Penny Magazine*, assente apenas em vários artigos extensos, não teria receptividade em Portugal, já que não interessaria a toda a espécie de leitores que *O Panorama* queria cativar. Fê-lo num texto em que, além do mais, se refere a si mesmo, e aos restantes redactores do periódico, como escritores (e não como jornalistas), o que indicia a auto-imagem que tinham de si mesmos, e em que exige dos mesmos “boa consciência”, ou seja, ética.

Quando este jornal começou a aparecer, nada mais era, quanto à forma, do que uma imitação do *Penny Magazine*, do qual também o são todos os jornais populares publicados na Europa. Persuadidos estávamos então de que nenhum melhor modelo tínhamos para seguir, mas com o tempo nos temos convencido de que as circunstâncias

relativas dos dois países, Portugal e Inglaterra, sendo diversíssimas, deviam influir diversamente no modo de tratar a *literatura popular* das duas nações. Em Inglaterra, como em França, o ler é uma necessidade intelectual; em Portugal, um prazer, ou antes, um desfastio. (...) Em Inglaterra, um jornal que contém quatro ou cinco artigos escritos com atenção e oferecendo matérias graves, severamente tratadas, louvam-no e lêem-no; em Portugal, louvam-no, mas poucos o lêem. Entre nós, é preciso que o agradável conduza (...). É preciso que o escritor não só tenha boa consciência, mas também que esta seja risonha. (...) Sem nos enganarmos com o aumento da extracção do *Panorama*, (...) julgámos dever alterar o sistema (...) na redacção e disposição do jornal, porque sendo nosso objecto instruir, deleitando no maior grau possível, isto melhor se poderia alcançar seguindo em parte um novo trilho. (...) *O Panorama* conterà doravante duas partes (...). A primeira destinada aos artigos mais extensos, e relativos (...) a todos os (...) objectos graves e importantes; a segunda conterà artigos breves e variados, e de menos monta. (Alexandre Herculano, Aos assinantes, *O Panorama*, 1838, vol. II, n.º 36, p. 1)

A nova estrutura de conteúdos d'*O Panorama* permitiria assim, de acordo com Herculano, agradar a todo o universo de leitores potenciais, ao público para quem ele sabia que estava a escrever e que não era todo igual, a saber:

Em três classes se podem dividir os leitores a quem os jornais populares são destinados. A primeira é dos que pretendem só instrução, sem lhes importar a forma (...) São estes poucos. A segunda classe, que é a mais numerosa, consta daqueles que gostam de instruir-se recreando-se. A terceira (...) é formada pelos que só na leitura buscam passatempo para matar o tédio, e a quem coisas singelas, claras, comuns ou frívolas só agradam (...). Considerando deste modo o público para quem escrevemos (...), é preciso atender aos desejos de duas classes de leitores opostas e a uma terceira que é como média entre ambas. (Alexandre Herculano, Aos assinantes, *O Panora-*

ma, 1838, vol. II, n-º 36, p. 1)

Assim, numa estrutura que se manteve até 1844, *O Panorama* passou a segmentar e organizar os conteúdos em duas grandes áreas, embora sempre com o objectivo de democratizar a cultura. Uma primeira área abrangia textos sérios sobre agricultura, arqueologia, belas-artes, economia, educação, filosofia, história, literatura, tecnologia, geografia (categoria em que se inscreve a descrição de Porto Alegre que é tema deste artigo) e outros temas “graves”, conforme o termo empregue por Herculano. Uma segunda área incluía as matérias “riso-nhas”, ou seja, os “artigos breves e variados, de menos monta”. Nela se incluíam as lendas, as anedotas históricas, a economia doméstica, problemas linguísticos e um sem fim de outros assuntos.

A 1 de Janeiro de 1842, inicia-se a segunda série d’*O Panorama*. Embora o jornal tenha mudado a tipologia dos caracteres, tendo passado a recorrer, nacionalisticamente, a tipos de fabrico nacional (conforme o próprio periódico revela), a mudança da primeira para a segunda série é justificada, somente, por motivos de bibliofilia e colecionismo, repetindo – salientam os redactores – o que se passava em jornais estrangeiros.

Abrimos uma segunda série. Este volume, primeiro dela, seguirá numeração nova em números e volumes, como se o jornal de novo principiasse. Não nos moveu tanto a esta alteração a mudança do tipo, como o ser já onerosa no custo para a pluralidade dos leitores futuros a colecção inteira, e o vemos que esta em pouco ficará rara, exaustas as reimpressões que para a completar fizemos, e que por consequência os novos subscritores, que não obtiverem os volumes da primeira série, lograrão ter em suas estantes os da segunda, sem interrupção numérica, evitando o afeamento que na conta dos bibliófilos tem desconto e que aos curiosos desagrade. A divisão por séries remove os inconvenientes; e quando em abalizados estrangeiros não tivéssemos exemplos, seria a razão boa con-

selheira para a adoptarmos. – Os R. R. (Aos leitores, *O Panorama*, 2ª série, vol. I. n.º 1, p. 2)

Apesar das infra-estruturas aparentemente sólidas (o periódico tinha, inclusivamente, tipografia própria, que segundo Tengarrinha (1989, p. 190) era “uma das mais bem apetrechadas do país”), a publicação d’*O Panorama* foi interrompida em 1844 e a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis dissolveu-se no ano seguinte. É o que relata A. Xavier da Silva Pereira (1895), no manuscrito *Dicionário Jornalístico Português*:

Em 28 de Dezembro de 1844, o jornal teve de suspender, ficando no número 157 da sua publicação. Em seguida, deu-se a dissolução da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis. Esta colecção publicada pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis forma duas séries, a primeira composta de cinco volumes, a segunda de três volumes. Estas duas séries são as mais estimadas de toda a colecção d’*O Panorama*, sendo já difíceis de obter.

A própria direcção da Sociedade explica, n’*O Panorama*, as razões que levaram à sua extinção e à suspensão da publicação do periódico:

Tendo sucessivamente diminuído, nestes últimos anos, o número de assinantes deste jornal, não sendo já suficientes para o custeio das onerosas despesas para o manter em a nitidez tipográfica e mais circunstâncias que o igualaram aos melhores estrangeiros que no seu género se têm publicado, e muitos dos quais têm igualmente findo, a direcção, encarregada de administrar os negócios da Sociedade editora, viu-se na precisa obrigação de convocar a assembleia-geral dos Srs. accionistas, porque os estatutos determinavam a publicação de um jornal literário. Finalmente, a assembleia-geral, em sessão de 23 do corrente Dezembro, decidiu que cessasse a continuação do *Panorama*, em razão dos motivos acima expendidos.

A direcção julgou do seu dever prevenir desta suspensão os Srs. assinantes, que constantemente concorreram para a conservação do jornal, e assim o fez patente por este anúncio, tributando por esta ocasião os merecidos agradecimentos aos Srs. que tão zelosos se mostraram da ilustração popular e amantes e fautores da literatura portuguesa. (*O Panorama*, 28 de Dezembro de 1844, p. 415)

Assim sendo, a direcção da Sociedade atribuía a suspensão da edição d'*O Panorama* à diminuição do número de assinantes, o que colocaria em causa as versões de que o jornal constituiu um verdadeiro êxito se não se ponderassem as razões dessa diminuição. E possivelmente a principal razão terá sido a crise. Portugal atravessava um período de instabilidade (de que só sairia com a Regeneração, em 1851). Basta dizer que entre 1837 e 1844, sucederam-se no poder oito governos diferentes e várias conspirações e revoltas agitaram o Reino. É possível, assim, que a crise e a instabilidade tenham retraído o consumo, o que, conseqüentemente, terá tido reflexos no número de assinantes d'*O Panorama*.

Análise d'*O Panorama*

Nas duas primeiras séries (o número aqui estudado é da segunda série), *O Panorama* apresentava-se com um aspecto singelo. Tinha oito páginas, de formato quarto grande, impressas a uma cor. Depois do cabeçalho, surgia uma gravura e o texto, paginado a duas colunas. Na maioria dos números, incluíam-se mais duas ilustrações, cada uma delas na sua página.

Para poderem ser coleccionados e encadernados como volumes, os fascículos d'*O Panorama* seguiam uma numeração contínua. Por exemplo, a primeira página do segundo número não é a um, mas sim a nove. Cada volume, normalmente, correspondia a um ano de publicação. Capas, folhas de rosto e índices eram vendidos separadamente. *O Panorama* era, por isso, uma espécie de mistura entre jornal, revista e livro – sendo talvez mais revista (magazine) do que jornal.

Os preços do jornal mantiveram-se inalterados durante as duas primeiras séries, sinal claro do espírito altruísta e filantrópico com que os promotores do jornal o encararam. Terá sido esse carácter benemérito da publicação que, a prazo, conforme se verá, se revelaria fatal para a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

Na sede da Sociedade podia-se subscrever e comprar o periódico, que custava, avulso, 25 réis. As assinaturas anuais importavam em 1.200 réis (1280 réis com capa no fim do mês), as semestrais em 640 réis (680 réis com capa) e as trimestrais em 340 réis (360 réis com capa).

Mais uma vez de acordo com as informações administrativas apenas ao primeiro volume d'*O Panorama*, verifica-se que o jornal tinha, no início, distribuição predominante em Portugal, particularmente em Lisboa, mas também havia assinantes no Brasil. Aliás, isso é enfatizado no editorial que encabeça a segunda série do periódico (de 1 de Janeiro de 1842):

O Panorama enceta hoje o seu sexto ano de existência. Durante os cinco precedentes, ele ajudou (...) a juntar algumas pedras para o edifício que a imprensa, mais que ninguém, vai levantando na nossa terra – o edifício da civilização nacional.

A empresa deste periódico deve dar aqui um testemunho de gratidão e de justiça – durante esses cinco anos o público português tem compreendido o seu pensamento de patriotismo e recompensado a diligência que se tem posto em o desenvolver. Quer no continente, quer nas províncias dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, tem *O Panorama* achado numerosos e constantes leitores.

Igualmente o Brasil – esse novo e vigoroso tronco da antiga árvore portuguesa, respondeu ao sincero convocar do *Panorama* para a propagação dos conhecimentos e das boas ideias. (Aos leitores, *O Panorama*, 1842, 2ª série, vol. I, n.º 1,

p. 1)

O Panorama contou, desde o início, com a protecção da Rainha, D. Maria II, filha de D. Pedro I, primeiro imperador do Brasil (D. Pedro IV de Portugal). O apoio real foi, aliás, devidamente publicitado nas folhas de rosto do primeiro volume do periódico (1837). Aliás a Rainha, na qualidade de protectora, encabeçou a lista de titulares dos órgãos sociais da Sociedade e dos correspondentes do periódico:

Senhora!

Dignou-se Vossa Majestade mandar juntar o seu augusto nome à lista dos accionistas que compõem a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. O amor que Vossa Majestade consagra aos portugueses, e a certeza de quão nobres e proveitosos eram os intentos desta Sociedade, excitaram Vossa Majestade a prestar a sua real protecção a semelhante empresa, que sem dúvida prosperará, começando com tão felizes auspícios. A Sociedade, estampando um jornal dirigido a pôr em prática o seu intuito patriótico, isto é, derramar conhecimentos profícuos e variados, julgou do seu dever dedicá-lo a Vossa Majestade, segura de que Vossa Majestade continuará a favorecê-la, recebendo esta prova de gratidão de uma parte de seus súbditos, que, nesta empresa, tiveram principalmente a peito dar um testemunho de amor de pátria, virtude que, em grau subido, adorna o coração de Vossa Majestade. Os bons desejos com que foi tentada suprirão o que falta de mérito nesta obra, e a Sociedade espera que ela seja benignamente aceita, encontrando o amparo do trono, a que Vossa Majestade sabe dar novo brilho, apesar de nele se ter sentado a longa série dos senhores reis portugueses, os mais excelentes da Europa.

O texto anterior demonstra que os participantes da Sociedade estavam orgulhosos da protecção pública concedida pela rainha, mas também de si mesmos, já que classificavam a sua iniciativa como nobre e proveitosa, sendo, portanto, juízes em causa própria. Demonstra

também que a ideia – algo utópica – que os alimentava seria de que bastaria derramar “patrioticamente” “conhecimentos profícuos e variados” sobre os leitores para que estes se iluminassem.

Qual o propósito do jornal, segundo o seu próprio discurso? *O Panorama*, explorando o ecossistema romântico e liberal que o rodeava, desde o início propôs-se servir uma tarefa civilizadora e de formação de cidadãos, através do fomento da leitura sobre temas de cultura geral:

De todas as coisas que se oferecem ao homem para lhe recrear os momentos de ócio, é a leitura talvez a mais aprazível e seguramente a mais proveitosa. Sem quebrar o seu repouso doméstico (...), diante de seus olhos se corre o pano à cena do mundo passado e presente (...). Cidadão de todas as repúblicas, membro de qualquer sociedade, contemporâneo de qualquer século, só o homem dado à leitura pode com verdade dizer que para ele foi o universo criado. (Alexandre Herculano, Introdução, *O Panorama*, vol. I, n.º 1, p. 1)

Fazendo justiça ao título, o periódico – depreende-se das palavras de Herculano – queria providenciar à mente do leitor um olhar panorâmico sobre o mundo, à maneira do que hoje se diz da televisão. Com isso, oferecer-se-ia ao leitor, de acordo com o principal expoente da intelectualidade portuguesa da primeira metade de oitocentos, a verdadeira riqueza, a do conhecimento, aquela que lhe permitiria, já na qualidade de cidadão, compreender e usufruir do universo. O enriquecimento intelectual seria, por outras palavras, a marca distintiva do cidadão, que, pressupostamente, o afastaria da massa ignara, uma dicotomia que, inclusivamente, continuaria presente, na produção intelectual, até aos dias de hoje.

Os objectivos de Herculano, traduzidos na ideia da democratização da cultura para formar *cidadãos*, cultos, que se afastassem da massa inculca (por suposição, constituída por uma espécie de *não cidadãos*) são, assim, ao mesmo tempo, altruístas e filantrópicos, mas

também elitistas:

o que mais importa é (...) introduzir em todas as classes da sociedade o amor da instrução. (Alexandre Herculano, Introdução, *O Panorama*, 1837, vol. I, n.º 1, p. 1)

A Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis julgou dever seguir o exemplo dos países mais ilustrados fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrução variada, e que pudesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, acomodando-o ao estado de atraso em que ainda nos achamos. (Alexandre Herculano, Introdução, *O Panorama*, 1837, vol. I, n.º 1, p. 2)

[*O Panorama* pretende] derramar a instrução (...) descer (...) ao nível das inteligências comuns. (Alexandre Herculano, Aos assinantes, *O Panorama*, 1838, vol. II, n.º 36, p. 1)

O carácter enciclopédico d'*O Panorama* também é justificado por Herculano. Para o autor, a produção intelectual – científica, artística, filosófica... – oitocentista seria já demasiado vasta para um único homem, à semelhança de Aristóteles ou de Leonardo, ter conhecimento de tudo. Assim sendo, e equiparando o jornal a uma nova forma de literatura, o primeiro redactor principal do citado periódico sentencia:

De feito, a parte mais útil da moderna literatura tem sido resumir os amplos produtos da inteligência. Com uma rapidez admirável, têm surgido (...) os jornais de instrução popular. À custa de sacrifícios pecuniários e (...) de vigílias estereis de glória, tem-se derramado entre o povo não a história do estudo, mas o seu resultado. A ciência se introduz tanto no tecto do abastado, como no abrigo do pobre (...). (Alexandre Herculano, Introdução, *O Panorama*, 1837, vol. I, n.º 1, p. 2)

Já não surpreende, no artigo anterior, a convicção de Herculano de que a sua tarefa é útil, embora, na verdade, a ideia de que

bastaria “derramar conhecimentos” num jornal para fazer avançar a civilização, sem a necessária base de alfabetização, fosse algo utópica.

Reforçando as intenções originais dos promotores do periódico, António Feliciano de Castilho (possivelmente redactor principal do periódico, em 1841/1842), resumia desta forma as virtudes do *Panorama* nas páginas do próprio jornal:

acessível a todos os entendimentos, acomodado a todos os gostos, a todos os interesses, *O Panorama*, multiplicado por um número de exemplares de que não há memória na imprensa portuguesa, é o conhecido, o bem-vindo e o amigo de todas as casas (...). Não há já aldeia tão apartada em cume de serra, nem quase casal tão embrenhado em solidão e fora do trato do mundo, que nas horas ociosas dos seus serões se não recrie com este hóspede certo. (António Feliciano de Castilho, Introdução, *O Panorama*, 1841, p. 2)

Como se organizava redactorialmente *O Panorama*? Pode dizer-se que certamente vivia de colaborações mais ou menos espontâneas, embora, em muitos casos, regulares (nas folhas de rosto dos volumes anuais d'*O Panorama* é propagandeada a rede de correspondentes em vários lugares do país e do mundo). O correspondente em Porto Alegre era A. M. do Amaral Ribeiro. É ele, possivelmente, o autor do texto que se analisa neste trabalho. À frente do jornal estava o redactor principal (inicialmente, Alexandre Herculano), que se responsabilizava pela produção mais frequente de textos para o periódico. O convite à adesão voluntária de outros colaboradores era publicitado nas folhas de rosto dos volumes anuais do periódico: “Nas terras onde a Sociedade ainda não tem correspondentes, aqueles Srs. que o desejarem ser se poderão entender com a direcção.”

No Brasil, sinal de que o jornal chegaria aqui, para além do correspondente em Porto Alegre, encontram-se referências a colaboradores na Bahia (João Maria Martelli Júnior), Maranhão (João Gualberto da Costa), Pará (Francisco Gaudêncio da Costa), Pernambuco (Francis-

co Severiano Rebelo) e Rio de Janeiro (L. A. P. de Sousa).

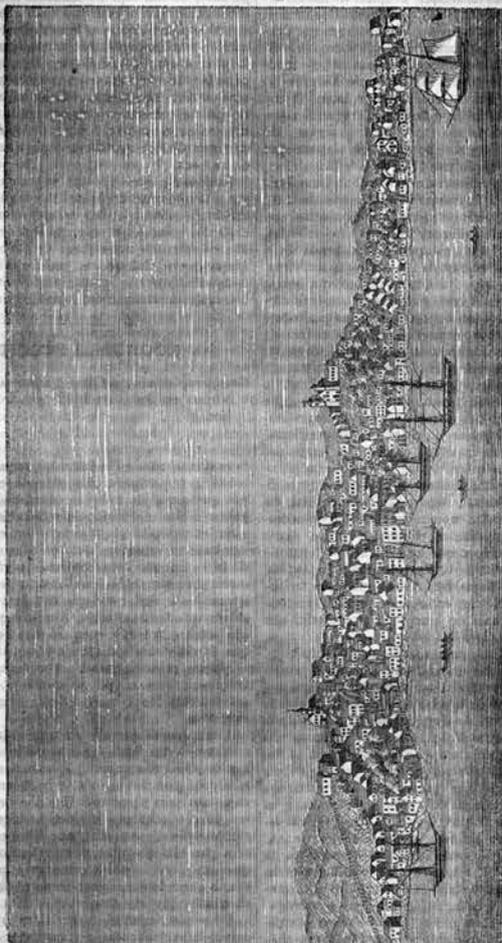
O artigo sobre Porto Alegre

É na edição 77 da 2a. série que se inicia a publicação do texto que nos interessa, denominado, naquela edição, “Província de S. Pedro ou Rio-Grande do Sul”. Como não se trata propriamente de um jornal, não se pode falar em *manchete*. Mais que isso, os artigos se sucedem, ao correr das páginas. Quando muito, eles são introduzidos por títulos que identificam o que hoje denominaríamos de *editoria*, mas que, na época, poderíamos dizer ser uma seção.

O material sobre o Rio Grande do Sul se distribui por quatro edições, a saber: edição 72, de 13 de maio de 1843; edição 78, de 24 de junho de 1843; edição 80, de 8 de julho de 1843 e edição 82, de 22 de julho de 1843. Ou seja, não apenas o tema ficava distribuído ao longo das edições quanto elas não se seguiam sucessivamente, ocorrendo intervalos para a continuidade de um mesmo artigo (ou tema), o que deveria, certamente, dificultar a leitura, tanto para o assinante quanto, sobretudo, para o leitor avulso de alguma edição.

Seja como for, é ao longo de quatro edições, alternadas que se publicam as páginas em torno do Rio Grande do Sul, editadas, ao que parece, sem uma referência específica a uma seção, o que dificultaria ainda mais a identificação do texto e suas continuações. Todas as edições que se seguem àquela primeira, na verdade, podem ser identificadas apenas pela chamada “Rio Grande do Sul”. Nos segundo e terceiro artigos, o texto se encerra com chamada para sua continuidade. No final do segundo, “continuar-se-há”[sic]; no final do terceiro, “concluir-se-há”[sic]. Os segundo e terceiro artigos são introduzidos com a chamada “Província de S. Pedro, ou Rio Grande do Sul”, mas a última traz a chamada reduzida para “Rio Grande do Sul”.

O primeiro artigo prende-se a Porto Alegre. É antecipado e encimado por uma gravura em metal, com a vista da cidade, desde o rio, perspectiva clássica de boa parte das ilustrações que se divulgavam en-



VISTA DE PORTO-ALEGRE NO BRAZIL.

PROVINCIA DE S. PEDRO OU RIO-GRANDE DO SUL.

I.

Das provincias em que o vasto imperio do Brazil se reparte, a do Rio-Grande do Sul, denominada hoje de S. Pedro, é a que em geral menos conhecemos; porque o trato e negocio mais frequente e directo, que mantemos com esse estado coirmão, anda d'ordinario encarcerado para as provincias mais ao norte, que por numero avultado de portuguezes são annualmente visitadas. É contudo assaz impor-

MAIO 13 — 1843.

tante esta porção extensa do territorio brasileiro pela situação e fertilidade, e nada menos o é pelo movimento commercial de Porto-Alegre, que é sua cabeça. — Estampando o aspecto desta cidade (1) tomado do fundeadouro, invertteremos a ordem mais natural da descripção que intentámos, começando agora por darmos breve idéa da capital, e concluindo no proximo numero com a noticia da provincia.

(1) Redaxin-se esta vista de uma que acompaña a perfeita planta de Porto-Alegre, que nos foi remetida pelo nosso correspondente alli, A. M. do Amaral Ribeiro.

Porto-Alegre não foi sempre a capital de Rio-Grande do Sul; haverá 40 annos, pouco mais ou menos, que lhe foi dado este titulo que anteriormente pertencia á villa do Rio-Grande. É cidade formosa, edificada em forma d'ampitheatro n'um isthmo montanhoso, á beira oriental da lagôa de Viamão (2) quasi defronte da foz do rio Guaíba ou Jacuí. O paiz que a circunda, a bella vista que offerece, não desmentem o acertado nome, que lhe impozeram, de Porto-Alegre: eis como a descreve um viajante que publicou a sua relação em 1835 (3). « Cinco rios, vindo alli pagar o tributo de suas aguas fecundas, e juntando-se para formarem o Rio Grande do Sul; appresentam na frente da cidade uma caldeira vasta, semeada de grão numero de ilhas mui selvosas, povoadas de habitações campestres. Da banda de lá da cidade, ou da eminencia, a distancia de legua, uma ficra de morros, d'altura de noventa braças pouco mais ou menos, vai descrevendo um meio circulo, encaminhada ao sul e orlando desigualmente o rio por oito a nove leguas. — Entre a cadeia de alturas e a povoação dilata-se uma baixa, nivelada, e com tres a quatro leguas de circunio, encravada pelos montes ao sul, pelos cabeços de nascente e norte, e da parte de poente pelo Rio-Grande, que soberbo do cabedal de suas aguas corre magestosamente para sul atravez de rochedos de conglomerações, e vai formar, na sua corrente, a Lagôa dos Patos.

Para fallar exacto, a situação de Porto-Alegre fica entre duas bahias, separadas pela collina em que tem seu assento: uma, septentrional, ancoradouro e porto; outra, meridional, que as aguas em parte deixaram, e que ao presente já constitue uma especie de cidade baixa, enfeitada de jardins, veigas, casas de forjas &c. Vê-se que seria facilissimo ilhar Porto-Alegre, cortando a eminencia a leste, e abrindo o canal de junção com o ribeiro que serpêa na planicie.

Quereis desfructar um spectaculo scenico? . . . Chegai ao mais alto da collina, na praça principal, e vereis por ahí abaixo, para o norte [que como saheis é o sul do hemispherio austral] a cidade que se estende em pendor ou ladeira, a enseada cheia de navios, as ilhas e o curso tortuoso dos cinco rios, que se dilatam exactamente como os dedos de mão aberta afastados uns dos outros; depois as casas de recreio que guarnecem semi-circularmente a praia, cuberta de sombras, da bahia; os valles forrados de mattas, que se prolongam em linhas parallelas aos outeiros do nordeste; a varzea, posterior á povoação, com suas hortas, pomares de laranja, bananeiras, coqueiros, cochonilheiras, em cercas de tapumes de mimosas amarellas, vermelhas, violetes, ou brancas, quasi sempre carregadas de flores; e além disto, para lá dessa campina repousará aprazivelmente a vista nas lindas chácaras, quintas ou fazendas, bem preparadas, e pittorescamente postas no declive dos cabeços.

Suppondo que escolhestes para gozar este painel delicioso um desses dias tão communs naquella zona, por horas de sesta e tempo bonança, occasião que transmite á caldeira das aguas e ao rio a ap-

parencia de um espelho immenso; tereis um admiravel panorama. Tudo que virdes se dobrará reflectindo-se; as ilhas com seus gados, as casas e os contiguos plantios da zona torrida, as embarcações á vela, e uma infinidade de elegantes barcas serapintadas de diversas côres, que sulcam os cinco confluentes. Finalmente, encaminhando a vista para o norte, descobrireis [não sendo myope], lá no horizonte, a quinze leguas distante a cordilheira da Serra Grande encuberta em parte pela cerração de vapores.

Nem só agradaveis vistas se gozam em Porto-Alegre; tambem se desfructa boa saúde: não ha clima mais adequado aos temperamentos europeus: nada dos calores ardentos do Rio de Janeiro; nem das *paluderas* e noites frias de Buenos-Ayres: o ar é temperado, balsamico, puro e salubre; por isso os facultativos não grangeiam aqui fortuna, e as boticas convertem-se em lojas de perfumes. »

(2) É o extremo septentrional da Lagôa dos Patos: traçam-lhe o nome destas palavras: *Vi a mão*, porque cinco rios ahí vem parar, como os cinco dedos distinctos e afastados da mão humana bem aberta.

(3) Viagem a Buenos-Ayres, &c. Impressa no Havre, citada pelo Sr. F. Denis á pag. 161 do seu livro sobre o Brasil.

ção, sobre a cidade. O artigo explicita, em nota: “Reduziu-se esta vista de uma que acompanha a perfeita planta de Porto-Alegre, que nos foi remetida pelo nosso correspondente alli, A. M. do Amaral Ribeiro”. A leitura apressada pode induzir o leitor a pensar que ele seria também o autor do texto publicado, o que não é verdade.

Os três demais artigos estão dedicados à província como um todo, conforme se lê na introdução do primeiro texto:

Estampando o aspecto desta cidade tomado do fundeadouro, inverteremos a ordem mais natural da descrição que intentamos começando agora por darmos breve Idea da capital, e concluindo no proximo numero com a noticia da província.

Na verdade, a descrição da província vai ocupar três edições, como se viu, sendo subdividida, pelas dimensões da transcrição que então se faz.

O artigo, na verdade, consta da transcrição de dois textos de diferentes autores, um vinculado a Porto Alegre e outro à província. O artigo se inicia destacando a importância da província do Rio Grande do Sul, registrando, ao mesmo tempo que ela é praticamente desconhecida do leitor português, porque é com o norte que Portugal mantém maiores relações, inclusive comerciais, por conta da maior quantidade de portugueses lá residentes. É de se destacar que a publicação, de 1843, está a apenas duas décadas distante no tempo da declaração de independência do Brasil em relação a Portugal.

O trabalho prossegue, reconhecendo a importância do território, por suas dimensões, pela fertilidade do solo e pelo seu movimento comercial. Valendo-se do texto que transcreve, mas sem citá-lo diretamente, revela que Porto Alegre tornou-se capital há menos de 40 anos, e então introduz a transcrição com estes dizeres: “Eis como a descreve um viajante que publicou a sua relação em 1835”. A partir daí, e até o

final do artigo, a palavra está com o autor transcrito, que é identificado em nota de pé de página: “Viagem a Buenos-Ayres, &c. Imprensa do Havre, citada pelo Sr. F. Denis a pag. 161 do seu livro sobre o Brasil”.

Na verdade, nova confusão, induzindo o desavisado leitor a novo erro. De fato, o texto pode ser encontrado no livro “Brazil”, de Ferdinand Denis, viajante francês a quem devemos uma das primeiras histórias literárias do Brasil, neste caso editado em Lisboa, pela Typografia de L. C. da Cunha, em 1844. Mas o que lemos aí é seguinte passagem: “Para conceber exata idéia da paisagem que a cerca e do aspecto que apresenta, bastará ler a descrição animada que um viajante nos oferece (pp. 295-297)”¹.

Se se buscar a qual viajante Denis se refere, basta abrirmos o livro de seu conterrâneo e contemporâneo, Arsène Isabelle, que o antecipara de uma década, tendo chegado à cidade em 20 de março de 1834. O texto de Isabelle é extenso, e ali encontramos a passagem que O panorama apresenta, introduzido pelo parágrafo iniciado por “Cinco rios, que trazem o tributo de suas águas...” e que se conclui com este comentário tão entusiástico quanto surpreendente, pela pouca coincidência que apresenta com a realidade do clima da cidade, para qualquer um que nela viva:

Sabei que não se goza, apenas, uma vista agradável em Porto Alegre; goza-se, também, uma boa saúde, e não há clima que mais convenha aos europeus do que o seu. Não se sentem os calores sufocantes da praia do Rio de Janeiro, nem as polvaderas e as noites frias de Buenos Aires: é um ar temperado, embalsamado, puro e saudável. Basta dizer-se que os médicos não fazem fortuna ali, e que os próprios farmacêuticos se vêem obrigados a transformar-se em perfumistas².

1 NOAL FILHO, Valter Antonio et FRANCO, Sérgio da Costa – Os viajantes olham Porto Alegre, Santa Maria, Anatterra. 2004, p. 76.

2 NOAL FILHO, Valter Antonio et FRANCO, Sérgio da Costa – Os viajantes olham Porto Alegre, Santa Maria, Anatterra. 2004, p. 68. Pode-se consultar também: Viagem ao Rio Grande do Sul, de Arsène Isabelle, tradução de Dante de Laytano; Porto Alegre, Martins Livreiro.1983, p. 58.

O texto do jornal português fala em “lojas de perfumes”, ao invés de “perfumistas” e considera os “farmacêuticos” como “facultativos”, evidenciando a mudança da tradução na adaptação às palavras usadas no idioma português em cada época.

Como se disse, a segunda parte do artigo refere-se à província do Rio Grande do Sul, como um todo. Mais uma vez, contudo, não se trata de texto original, mas de outra transcrição, desta vez, do Cônego José Feliciano Fernandes Pinheiro, aliás, citado por Ferdinand Denis naquele mesmo texto mencionado no primeiro artigo, e que, aparentemente, serve como sugestão aos editores do *Panorama*. De fato, o segundo artigo abre-se com a seguinte introdução:

Para cumprir-mos o que promettemos, tratando da capital desta província, Porto-Alegre, em o No. 72, não podemos desempenhar melhor a palavra, do que transcrevendo as notícias descriptivas, incluídas no cap. 3º. Da obra do Snr. Visconde de S. Leopoldo, *Annaes da Provincia de S. Pedro*, com uma carta, 2ª. edição – livro importante, mas quase desconhecido em Lisboa.

A partir daí, e pelas edições seguintes, transcreve-se o trabalho do Visconde, primeiro com a detalhada descrição das bacias hidrográficas da província – nos artigos segundo e terceiro – e, depois, enfim, a análise geológica (terceiro artigo) e, finalmente, alguma coisa da história da ocupação e do povoamento da província, começando pela expedição de 1715, de Francisco de Brito Peixoto e, depois, a iniciativa de Bartholomeu Paes de Abreu, que propôs à Corôa uma entrada na região, mediante determinadas compensações, o que não foi aceito. Finalmente, em 1722, Manuel Godinho avança sobre o território da província, cortando-a ao longo de 1735 e, em três meses, segundo o texto, atingindo os campos de Vacaria, onde levantou um padrão de madeira com os dizeres “Viva o muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal, D. João V, Senhor dos domínios deste sertão de Vacaria”.

PROVINCIA DE S. PEDRO, OU RIO GRANDE DO SUL.

2.º

PARA cumprir-mos o que promettemos, tratando da capital desta provincia, Porto-Alegre, em o N.º 72, não podemos desempenhar melhor a palavra, do que transcrevendo as noticias descriptivas, incluídas no cap. 3.º da obra do Sr. Visconde de S. Leopoldo, *Anaes da Provincia de S. Pedro*, com uma carta, 2.ª edição— livro importante, mas quasi desconhecido em Lisboa.

« A provincia de S. Pedro, anteriormente governo do Rio Grande de S. Pedro do Sul, demora entre as latitudes austraes da America Meridional, contadas na costa do mar, desde a barra do rio Mombituba, ao nordeste do presidio das Torres, antiga guarda de S. Jorge, na latitude austral de 29º, 51', 36", até o arroio Chui, na latitude austral de 33º, 42', 10" $\frac{1}{2}$. Antes do anno de 1805, diversa era a demarcação; recouu onze leguas, mais ou menos, áqem da barra do Araranguá, ou mais etimologico Ararenguay, onde se acha ainda hoje postada a ultima guarda, que assignala o limite da provincia de St.ª Catharina; e avançou para o sul até o referido arroio Chui, onde era a antiga divisa dos dominios hespanhoes pelo tratado de 1777, e que fica distante da cidade do Rio Grande quarenta e tres leguas e um quarto, e do arroio de Ytaym, onde fôra collocado o primeiro marco portuguez, vinte sete leguas e meia; porem a latitude no interior do paiz começa mais ao norte um gráu, com pouca differença, sendo de 27º 50' o paralelo do rio de Pelotas, o qual serve de divisa deste com a provincia de S. Paulo: e entre as longitudes de 321º 24', e de 328º 44' [contadas da ponta mais occidental da ilha de Ferro]. Terá na sua maior largura d'este a oeste cento vinte e oito leguas em linha recta, das que entram vinte em gráu de circulo maximo; mas no lado occidental não excede de sessenta e cinco leguas, contadas na direcção geral do Uruguay. O seu littoral computa-se de cem leguas em direitura; de cujas dimensões, e da inspecção do mappa topographico se deduz, que esta provincia tem a figura de um trapezio mixtilíneo, formado por dois lados oppostos desiguaes e rectos, e por outros dois curvos, todos com suas irregularidades ou seios, abrangendo por conseguinte a superficie pouco mais ou menos de oito mil trezentas e vinte leguas quadradas.

Confronta pelo nascente com o oceano; pelo norte com o rio Mombituba, Pelotas, e incultas serras do Uruguay; pelo poente com uma parte do mesmo Uruguay, que a separa da provincia d'Entre Rios; e pelo sul, com uma pequena extensão do Ibicury, que desde a sua barra, corre ás cabeceiras dos seus galhos meridionaes, atravessando a serra descuberta da campanha, e seguindo pelo

seu ultimo galho austral, que conflue no denominado Ponche Verde, para daquelle baixar á barra do arroio Piray no Rio Negro, e por este acima até as suas vertentes mais orientaes. Finalmente busca a linha divisoria o rio Jaguarão, que desagua na lagoa Merim; segue parte desta lagoa, e procura o arroyo Chui, até que se perde no mar.

Toda esta grande extensão é dividida em duas partes, quasi iguaes, pela serra geral do Brasil, que acompanhando a costa do mar nas primeiras vinte e sete leguas desde o Araranguá até a latitude austral de 29° 40', pouco mais ou menos, volta a oeste mais oitenta leguas até acabar no interior desta provincia. A parte septentrional, em figura de outro semelhante trapézio, é subdividida em tres, conhecidas pelas denominações vulgares de Campos de cima da Serra, dos da Vacaria, e dos das Missões orientaes do Uruguay. A parte baixa ou meridional, de figura triangular, é talhada em duas pelas isoladas serras do Herval e dos Tapés, e pelas lagoas dos Patos e Mirim; ficando ao occidente destas serras os campos denominados do continente, e ao nascente das ditas duas lagoas e da serra geral os intitulados da costa do mar.

Os Campos de cima da Serra, e os da Vacaria, cuja superficie é de seisentas leguas quadradas, figurados em um quasi triangulo, são transversalmente cortados pelo rio das Antas, que arrebatando da encosta occidental da mencionada serra, torna a atravessar, para ser conhecido ao sul della com o nome de Taquari, derivado do primitivo de *Tibiquari*. A aquelles campos limita pelo sul o angulo da serra geral, e a estes pelo norte o rio Pelotas, grande galho das cabeceiras orientaes do Uruguay, que, nascendo como o das Antas, e correndo para o occidente, serve de divisa entre os limites septentrionaes desta provincia, e os meridionaes da de S. Paulo; e pelo oeste confinam com a comarca dos sete povos orientaes de Missões, e pela picada denominada de Santa Victoria e bosques adjacentes.

Os campos de Missões, conquistados na guerra de 1801, os quaes abrangem os povos de S. Angelo, S. João, S. Miguel, S. Lourenço, S. Luiz Gonzaga, S. Nicoláu, e S. Francisco de Borja, tem uma superficie de perto de 1,400 leguas de campo, sem comprehender os bosques e sertões, que tem ao norte e ao nascente, os quaes talvez montem a outro tanto. Pelo occidente o Uruguay os divide dos outros povos sujeitos á Hespanha, e pelo sul o rio Ibicuy e a extremidade da serra geral os separam dos campos propriamente ditos do continente. Esta comarca das Missões orientaes é regada pelos rios Ijuí, Piratini, Icaabaquí, e Mbutui, que desaguam no Uruguay em direcção de N. O. S. O.; e pelo Itú, Taquari, Nandui, Jaquari, Miri, Jaquari Grande, e Toropi, que afluem no Ibicuy Guaçu em direcções de norte a sul; e em fim das cabeceiras e parte superior do rio Jacuí, com seus galhos mais consideraveis Ibirayepiró, Jacayoihi, Ijuí Grande, e outros menores, que fechando um bosque da figura de um trapézio irregular, e de superficie de cem leguas, nelle se juntam todos ao Jacuí, que sahe pelo vertice meridional do dito bosque, para logo descer atravessando a serra geral, e apparecer ao sul.

A parte occidental daquelles dois indicados tractos inferiores, que anteriormente á conquista de 1801 apenas alcançava até o Albardão grande [que reparte as aguas para o Rio da Prata, e para o Rio

Grande de S. Pedro], se estende presentemente ao sul até ao rio Jaguarão, que desagua na lagoa Merim; e a oeste pela margem de noroeste das primeiras oito leguas do Rio Negro, que segue pelo territorio de Montevideo para o Uruguay; e pelas cabeceiras dos Ibicuys, galhos principaes do Ibicuy Guaçu, abraçando estes parte da escalvada Serra da Campanha, fertil pela undação dos seus galhos occidentaes o Ibicuy Mirim, Ibirapuitã, Paipasso, e Nandui; alem dos quaes regam tambem estes campos as aguas do Guarocai a oeste do referido Ibirapuitã; e pelo lado oriental do mesmo Ibicuy Guaçu os seus galhos Toropi, Caassiquei, Inatui, Jaguarí, Taquarembo, e mais duas vertentes do mesmo Ibicuy. Destas ramificações a mais central é conhecida pela denominação de Rio de St.ª Maria até distancia, em que se confunde com os outros Ibicuys, bem que na demarcação de limites de 1758, teve por si opiniões de que era o principal, e verdadeiro Ibicuy. Todos estes esgalhos correm no territorio conquistado do semicirculo do nascente para se perderem a oeste no Uruguay pelo seu tronco geral o Ibicuy Guaçu, e vão por fim, juntamente com os do Rio Negro, misturar-se no Rio da Prata.

Em direcção opposta discorrem, na outra metade oriental desta mesma subdivisão occidental e do dito Albardão principal para leste, e o grande Jacuí ou Guiba, de cuja origem já acima tratámos, o caudaloso Icaabaquim ou Camacuam, o Piratini do Sul, e finalmente o Jaguarão. No Jacuí entram pela banda do norte o Taquari, tão copioso como o proprio Jacuí, o Rio Pardo, e o Butucará, alem d'outros arroios menos notaveis: e pelo sul o arroio dos ratos, o do Conde, o do Francisquinho, e o Capivari, nas direcções do sul para o norte, sahindo da serra do Herval, e dos seus extremos septentrionaes; o de D. Marcos, o do Tabatinga, e o rio Pequeri com o seu galho oriental Iroi, o Campané, o ramoso Irapuá, e ultimamente o Vacacai com os seus ramos meridionaes; o rio de Santa Barbara, o de S. Sepé, os arroios Cambai, de S. Jeronymo, e do Salso, já immediatos ás suas cabeceiras; e pela banda do norte o arroio do Arsenal; fechando esta ramificação dos galhos do Jacuí ao sul da Serra geral o pequeno Araricá, conhecido ordinariamente pelo nome de Vacacai Mirim, e o Tupacuetuá, quasi todo embrenhado na mesma serra.

(Continuar-se-ha).

PROVINCIA DE S. PEDRO, OU RIO GRANDE DO SUL.

3.º

O rio Icahaquam, vulgarmente dito Camacuam, recebe pelo rumo do norte, desde a sua barra na Lagôa dos Patos, varios arroios, os quaes bem que pequenos, são comtudo abundantes, e derivados da ponta austral da referida serra do Herval; repartido porem na sua origem em dous: destes o meridional, denominado Camacuam Chico, ou pequeno, tem varias vertentes, alem das quaes enriquecem o Camacuam uma plebe d'arroios, que nelle entram da banda do sul, a saber o das Palmas, o das Torrinhas, o grande de St.º Antonio, o do Camargo, o das Pedras, o Carahú, &c. Tanto este rio, que atravessa do poente para o nascente pela espaçosa faixa de campo entre as duas isoladas serras do Herval e dos Tapés, como o Jacuí, são os principaes alimentadores da mesma Lagôa dos Patos, que recebe ainda pela margem occidental as aguas de varios outros, que borbulham das referidas duas serras do Herval e dos Tapés, até o rio de Pelotas, o qual descendo do interior da segunda, desagua já dentro da embocadura septentrional do sangradouro da lagôa Merim, appellidoo tambem rio de S. Gonçalo; neste se escoa pelo occidente o arroio do Pavão, que traz sua origem do extremo meridional da referida serra dos Tapés. Segue-se o rio Piratini, cujas fontes no interior da campanha estentam com as do sul do mencionado Camacuam-Chico, e com as do norte do rio Jaguarão, ultimo que, perdendo-se já na lagôa Merim, fecha com o seu tronco ou galho principal as possessões portuguezas, mesmo as conquistadas a oeste da dita lagôa, que d'entre estes dois rios Piratini e Jaguarão, recolhe as aguas dos arroios

da Palma, do Chasqueiro, do Herval, dos Arrombados, dos Arrendidos, e do Juncal.

O terreno entre a costa do mar e as ditas lagôas, desde o rio Mombetuba até o Marco na latitude de 33º 42', sendo desde o principio cultivado, e o que está actualmente mais povoado, é cortado pelos rios Mombetuba e Tramandai, os quaes da Serra geral se precipitam no mar; e pelos rios Cahi e dos Sinos, que do interior da mesma serra rolam para a lagôa do Viamão, extremo septentrional da dos Patos: naquella entra tambem o Garvatá, immediato pelo nascente ao dos Sinos, e nesta pela margem oriental desemboca o pequeno Capivari, cuja cabeceira é uma lagôa semi-circular, que tornea a fralda austral da Serra geral, de diametro de mais de legua, entre as freguezias de St.º Antonio e da Conceição do Arroio.

As aguas das duas grandes lagôas, Merim e dos Patos, encontrando-se na latitude austral de 31º e 47', formam o lago do Rio Grande, o qual estreitando-se para a barra, fica sómente de duas milhas com pouca differença na latitude sul de 32º 6', e na longitude 326º 3½.

A lagôa dos Patos, desde a de Viamão inclusiva até a sua junção com a de Merim, tem quarenta e uma leguas de comprimento na direcção de N.N.E. S.S.O., e oito na maior largura: a de Merim, com igual direcção, tem de comprimento trinta e tres leguas e meia até o seu desagudouro ou boca meridional do rio de S. Gonçalo, e sete no seu maior bojo. Alem dos rios notados até o Jaguarão, e cuja direcção é quasi de oeste para leste, entra ainda na lagôa Merim pela margem oriental, e com semelhante curso outro rio Taquari, e seguindo o rumo de S.O. N.E. o grande Scollati, cujos galhos occidentaes são o Parado, o Limar grande e pequeno, o Abestruz, e o de Godói; e pelo lado oriental o Malmaragá, e finalmente o rio de S. Luiz, que se perde na mesma lagôa junto a foz do Saco de S. Miguel, que nasce dos serros de S. Miguel, em cujos fragosos picos se divisa o desmantellado forte da mesma invocação. Todo o terreno desde o Jaguarão até as origens do Scollati, é dos questionados entre as duas nações limitrophes, e apesar disso a Hespanha os foi povoando desde 1784.

O extremo austral da lagôa Merim é o Saco, que forma o arroio de S. Miguel, o qual se deriva dos serros assim denominados. Na sua margem oriental apenas desembocam o arroio d'Elrei, que mana de uns pantanos, e o arroio Haym ou Tahim, que é o escoamento da estreita lagôa da Mangueira ou Saquarumbó, entre a costa do mar e os campos que se estendem até a lagôa Merim.

As abas da Serra geral desde o rio Mombetuba até o Tramandai são cingidas de pequenas e estreitas lagôas, com sangradores ou canaes de comunicação, por onde desaguam no Tramandai; assim como se enfiam outras mais pequenas ao correr da costa até o insignificante arroio Chui, que entra no mar em 33º 42' 10"¼, onde existe postada uma guarda brasileira desde a conquista de 1801, e dista da cidade do Rio Grande quarenta e tres leguas para o sul.

Esta provincia, por qualquer lado que se olhe, é uma das mais bellas de todo o Brasil; seu clima é geralmente agradável e tão excellentemente, como bem se pôde avaliar pela variedade e exuberancia das suas produções; puros ares, que dão saúde; muitos rios perennais, duas grandes lagôas a humedecem; na parte superior densas e sombrias flores-

tas: tem larguíssimas campinas, que se tapizam de mui graciosas pastagens; medra em rebanhos; os de gado armento já são fóra de algarismo; abunda em fructos, e depara delectoso entretimento em pescarias, veação, e passarinhagem; e para dar ainda idéa mais exacta do seu temperamento, segundo as observações meteorológicas que fiz na capital, no verão o calor chegou a 87° e a 88° do thermometro de Fahrenheit, e no inverno, quando sopra o oeste, tem marcado 44° et 40° no mesmo thermometro. Providamente reinam de ordinario com força ventos, que dissipam os miasmas originados dos frequentes trasbordamentos dos numerosos rios, e exhalação putrida dos pantanos. Estes ventos dominantes são o N.E. e o S.O., o primeiro dos quaes principia brando, e tornando-se mais forte, turva a atmospherá, até que desata em trovoadas e chuvas, e rondando então pelo N.O., vem a cabir em O., e S.O., que alimpam o céu. A parte septentrional ou superior do paiz é comparativamente muito mais fria. (*)

A natureza e formações do solo variam conforme as situações: a cordilheira geral do Brasil, que, segundo notámos, reparte esta provincia em duas faxas quasi ignaes; e lá onde principia a mergulhar-se no Uruguay, é encontrada por outra semelhante serra escavada, que partindo das visinhanças do Salto grande desse rio, separa de um lado aguas para o Daiman e Rio Negro, e d'outro para o Arapey e Quaraim; estas serras, e todo o territorio ao norte e oeste dellas, isto é, quasi todo o districto d'Entre Rios, de Missões, de S. Marinho, da Cruz Alta, da Vacaria, e de cima da serra, constam inteiramente de terreno basáltico. A parte meridional da provincia, subdividida em oriental e occidental pelas serras do Herval e dos Tapes, e pelo Albardão, que acompanha a margem occidental da lagoa Merim, são primitivas estas montanhas, e são de alluviaão as planicies, ao nascente das grandes lagoas, e não parecem ter outra base, que o mesmo granito, e grés ou crés, de que aquellas são compostas: porem a parte occidental é de estrutura mais variada. Ao poente das frondosas serras do Herval e dos Tapes, se encontra um territorio elevado, transversalmente cortado pelo rio Camacua, composto de granito, e de schisto primitivo, alternando com micas-schisto, e coberto de grés carvoeiro, entre Santa Barbara, Encrusilhada, e Caassapava: depois, de granito e grés, sustentando schisto primitivo com gabbro, schisto chloritico e talcoso, serpentina e calcareo granuloso no grupo de montes de Caassapava: finalmente de porphyrio de transição, grauwake, e granito de transição, sobrepostos a schisto talcoso, e granito primitivo, e cobertos de grés carvoeiro entre Caassapava e S. Gabriel: os logares mais baixos desta subdivisão, o valle de Guaiba, o territorio banhado pelo Vacacay e pelo Santa Maria, e o valle do Jaguarão, são cobertos de uma formação secundaria, composta de argilla schistosa, calca-

reo e grés: e toda a fralda meridional das serras basálticas é occupada por um grés de formação terceira, frequentemente interrompido, ora coberto ora não, de basalto.

Tão consideravel desenvolvimento de basalto e a existencia de porphyrios de transição, são phenomenos geognosticos os mais interessantes que offerece esta provincia, não constando até agora que em alguma outra parte do vastissimo Brasil se haja descoberto basalto, ou porphyrio, a ponto de duvidarem celeberrimos geognostas da existencia destas rochas a leste das Andes.

(Concluir-se-há.)

(*) Por maior que fosse o meu receio de que o extenso quadro, que tenho descripto, parecesse arido e fastidioso, não julguei contudo dever omitti-lo ás vistas calculadoras do leitor philosopho, que da configuração admiravel deste paiz, qual poderia traçar o proprio genio do commercio, presentirá as vantagens, que, em beneficio da agricultura e da industria, proporcionam os innumeraveis rios, e as duas grandes lagoas, ou antes dois Meiterraneos: á extensão e facilidade da navegação interior, e de um commercio domestico, deveu o Egypto e a China o estado florecente a que chegaram.

RIO GRANDE DO SUL.

(Conclusão.)

CUMPRE examinar se esta provincia, conforme o systema usado naquellas eras pelos soberanos de Portugal a respeito de quasi todo o littoral do Brasil, tocou tambem em partilha a algum particular. Pelo Septentrião, não chegaram até seu territorio as oitenta leguas de costa doadas a Pedro Lopez de Souza, as quaes findavam mais ou menos no rio de S. Francisco do Sul, e muito em duvida abrangeria a ilha de St.^o Catharina: pelo Meiodia não a comprehenderam as largas sesmarias que o auctor da *Noticia da justificação do titulo, e boa fé*, com que se obrou a nova colonia do Sacramento, no con-

tinente chamado de S. Gabriel, em as margens do Rio da Praia, refere que o príncipe D. Pedro, ainda regente, fizera mercê ao visconde de Asseca, e a seu irmão João Corrêa de Sã. Não era natural appetecerem terras desconhecidas, que um marítimo ouriçado de alfaques tinha impedido de alli surgirem os mais intrepidos navegantes: sobretudo experientes do exito ruinoso de taes empresas, ainda em outras donatarias, com honnissimos portos, de facil embocadura, e abrigados de vendavaes.

Portanto os riscos da entrada do Rio Grande de S. Pedro, invocação que é fama lhe deram os jesuitas das Missões do Uruguay, que vagavam por estas campanhas em cata dos indios, e a esparceada costa, sem abrigo nem surgidouro, foram sem duvida os obstaculos, que por tanto tempo retardaram fundações nestas planícies; apenas alguns habitantes das duas povoações portuguezas, que a la-deavam, tinham-se animado a transita-las, quando em 1713 o governador do Rio de Janeiro, Francisco de Tavora, ordenou a Francisco de Brito Peixoto, capitão mór da villa da Laguna, e da qual havia sido o povoador com seu pai e irmão á custa dos seus cabedaes, que fizesse examinar as campanhas do sul até á colonia do Sacramento e pesquisar se algum daquelles sitios se achava occupado por estrangeiros; expediu elle a esta diligencia cinco homens brancos com alguns escravos, os quaes depois de tudo explorarem até á aldêa dos Indios Charruas de S. Domingos Soriano, ao voltar com a noticia de que se conservavam despedidos, foram atacados, aprisionados, e despojados d'armas e roupa por um troço consideravel de indios, de cujo captiveiro, passados tempos, conseguiram escapar.

Segunda expedição composta de quarenta homens brancos, e vinte e cinco escravos, atravessou a campanha, e recolhendo-se com porção de gado, que havia arrebanhado das visinhanças de Maldonado, encontrou nas margens do Rio Grande um lote de quarenta indios das reduções castelhanas, que levados á Laguna declararam serem enviados pelos seus padres a escolher sitio adaptado para novas aldêas. O capitão mór os afagou, brindou, e despediu com uma carta para os mesmos missionarios jesuitas, na qual lhes intimava que todo aquelle territorio pertencia ao dominio portuguez, e por tanto se abstivessem não só de alli erigir povoações, mas até de o devassar pelos seus emissarios. Para estorvar similhantes introduções furtivas, despachou ainda seu genro João de Magalhães com trinta homens, e com insinuação de os ir deixando estabelecerem-se por aquellas desertas paragens, e tambem de concertar aliança e amizade com os mi-nhanos. Por esta forma se conseguiu frequencia e communicação destes indios com a villa de Laguna, e datam desde então as primeiras estancias de gado, que os nossos foram por aqui formando.

Entretanto que os portuguezes da Laguna se apostavam, e vigilantemente defendiam, da parte maritima, novo projecto se levantava de a penetrar pelo sertão: Bartholomeu Paes de Abreu, das principaes familias de S. Paulo, e distincto já por serviços assignalados, concebeu a idéa de uma estrada de communicação, e representou ao governo em 23 de maio de 1720: «Que, á excepção dos barbaros selvagens, restando despovoado o extensissimo paiz desde a Laguna até á colonia do Sacramento, de nenhuma utilidade era para o estado o innumervavel gado, que o cobria, podendo aliás ser de

incalculavel vantagem, como affiançava a experiencia do que em circumstancias analogas aconteceu com as minas d'ouro dos Cataquazes [hoje capitania de Minas Geraes], que em pouco tempo depois de descobertas, tinham-se augmentado com as provisões de gado de toda a especie, extrahido dos sertões da Bahia; que se offercia a abrir franca passagem pelo interior das duas capitanias: sem o minimo dispendio da real fazenda: em recompensa porem desse relevante serviço exigia: 1.º Ser donatario de quarenta leguas de terra nas margens do Rio Grande, demarcadas pela costa, vinte para o norte e vinte para o sul, e os fundos por todo o sertão pertencente a Portugal, de juro e herdade, com um padrão de 200,000 réis, assentado na passagem do mesmo Rio Grande, e a patente de capitão mór daquelle districto; 2.º passarem livres de direitos pelos primeiros nove annos os animaes, que exportasse para si ou seus socios; 3.º ser guardamór geral de quaesquer minas, que se descobrissem nas vertentes do Rio Grande, e serros circumvisinhos, com iguaes ordenados aos que se conferiam ao guarda-mór das Minas Geraes.

Demorou-se a cõrte em resolver; mas chegando a S. Paulo, em 1721, o governador e capitão general Rodrigo Cezar de Menezes, e trazendo positivas instruções para conveniar com Bartholomeu Paes sobre a abertura do caminho para o Rio Grande, por parecer o melhor meio de segurar estas possessões, ou fosse por achar então ausente o dito Paes, empenhado em descobrir estrada para o Cuyabá, ou por esperanças de conseguir o intento sem os exuberantes premios exigidos, concertou a empresa em 1722 com Manuel Godinho, que não a realisando por inconvenientes, passou de novo a contrata-la com Luiz Pedrozo de Barros pela mercê de um habito de Christo, com a tença annual de 60,000 réis, graça que se verificou em seu sobrinho o Mestre-de-campo de auxiliares Manuel Dias da Silva.

Este mesmo Mestre-de-campo, ao correr o anno de 1735, acompanhado de uma partida escolhida, atravessou em tres mezes o sertão a fim de fazer diversão ás forças, que sitiavam a colonia, superando os maiores obstaculos. Chegando aos campos denominados da Vacaria, levantou um padrão do madeiro mais grosso e que pareceu menos corruptivel, e nelle gravou a inscripção: «Viva o muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal, D. João V, Senhor dos dominios deste sertão da Vacaria.»

Assim a illesa conservação destes territorios no senhorio portuguez é mais um testemunho do zelo e do enthusiasmo patriótico, que iustigavam os paulistas para os altos feitos, em que á custa de suas fazendas e vidas tanto se extremaram; propensos por genio e por educação a empresas arduas, não só defenderam, mas ainda alargaram as raias deste estado, que sem elles é provavel estivessem hoje reduzidas a mais estreitos limites; por isso a historia daquella provincia será tambem a historia geral do Brasil.

O artigo aí se detém. Mas o fato de ele se constituir de duas transcrições pode explicar outro fato curioso para o qual nos chama a atenção. Em 1843, estava nos estertores a Revolução Farroupilha que, desde 1835, conflagrava a província, sem que uma única palavra o artigo tenha lhe dedicado, mencionando, sequer, a existência de tal rebelião. Por certo, os editores de *Panorama* devem ter julgado de bom alvitre não se meterem em questões internas da nova nação que, ainda há pouco se distanciara da condição colonial em relação à metrópole portuguesa. E é assim que os leitores de *Panorama*, embora introduzidos em detalhes da geografia física e geológica da região, tanto quanto da história de sua conquista, de nada foram informados a respeito do presente imediato da região. Mesmo que se considere que os editores se julgavam mais homens de letras do que jornalistas, propriamente dito, e que houvesse relativa defasagem entre informações circulantes de um continente para o outro, é absolutamente impossível que não se soubesse, em Lisboa, da rebelião. Portanto, só se pode imaginar como *política editorial* e diplomacia, a decisão de tal silenciamento.

Seja como for, não deixa de ser significativo que uma revista como *Panorama* tivesse leitores no Brasil e até mesmo correspondentes, como o indica este anônimo A. M. do Amaral Ribeiro, que não é registrado nem por Abeillard Barreto nem por Rubem Borba de Moraes ou Sacramento Blake. Seu nome também não é mencionado em qualquer volume que estude a história do Partenon Literário, que ele poderia ter integrado³. No entanto, uma consulta ao catálogo da Coleção Brasileira Digital nos apresenta uma surpresa. Na edição do *Almanach Familiar* para 1870, o editor agradece aos escritores “cujos nomes honram as páginas deste livro”, dentre os quais encontramos, relacionado, um certo A. M. do Amaral Ribeiro (o mesmo?...), que, nas páginas da publicação, contribui com artigo intitulado “Bibliothecas publicas”, que ele redige a partir de uma compilação, explicitamente referida, do jornal inglês *Dayly News*⁴. Como o *Almanach*, apesar de

3 Associação literária criada em Porto Alegre, em 18 de junho de 1868, e que encerrará suas atividades em 1885, tendo publicado importante revista entre 1869 e 1879.

4 Trata-se da Typographia de A. B. da Silva, sediada na cidade portuguesa de Braga, na rua Nova, 53.

editado em Portugal, parece ser dirigido a leitores brasileiros, fica a dúvida: seria este A.M. do Amaral Ribeiro a mesma pessoa? Se sim, teria retornado a Portugal ou participava desse tipo de iniciativa a partir do próprio Brasil, neste caso, desde Porto Alegre?

A Revolução Farroupilha

Outro aspecto que chama a atenção do leitor contemporâneo é a absoluta omissão do correspondente quanto ao presente da província, então nos estertores da chamada Revolução Farroupilha. É verdade que os combates que então se feriam estavam distantes da cidade de Porto Alegre⁵. Mas também é verdade que o então Barão de Caxias acabara de assumir o exército imperial⁶, o que, por si só, deveria chamar a atenção mesmo de um eventual turista.

Na verdade, pode-se verificar que muitos acontecimentos que certamente ecoaram na província ocorreram nos meses imediatamente anteriores à publicação que ora se refere O cuidadoso levantamento de efemérides ligadas ao movimento, organizada pelo historiador Walter Spalding⁷ refere, por exemplo, o ataque traiçoeiro sofrido pelo Vice-presidente da República de Piratini – como se chamava a nação que buscava constituir a revolução – Antonio Paulo da Fontoura, e que

O almanaque é identificado como sendo editado por Gualdino Valladares e Augusto Valladares. Na introdução do volume, que lemos digitalizado (www.brasiliana.usp.br, acessado em 30 de janeiro de 2012), os editores referem que o volume seria impresso provavelmente entre julho de agosto de 1869, para ser usado no ano seguinte. Infelizmente, mesmo tendo-se consultado também o **Diccionario Bibliographico Portuguez**, de Innocencio Francisco da Silva (Imprensa Nacional, Lisboa. 1887), nada se descobriu a respeito do eventual colaborador d'O Panorama.

5 Dante de Laytano refere o cerco de Alegrete, o combate de Canguçu e um assalto a Jaguarão (in *História da república rio-grandense*, Porto Alegre, ARI-Sulina. 1983, p. 126. Um contemporâneo, legalista, Tristão de Alencar Araripe, também refere combates relativamente distantes da capital da província, a que acrescenta a batalha do rio Santa Maria-Chica (*Guerra civil no Rio Grande do Sul – Memória acompanhada de documentos lida no Instituto Histórico e Geographico do Brazil*, edição facsimilada da Typographia Laemmert, Rio de Janeiro. 1881, organizada pela Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha – Sub-comissão de Publicações e concursos, Porto Alegre, Governo do Estado do Rio Grande do Sul. 1986, p. 138 e ss.

6 RODRIGUES, Alfredo Ferreira – *Vultos e fatos da Revolução Farroupilha*, edição organizada por Paulo Brossard, Brasília, Imprensa Nacional. 1990, p. 168. Segundo Moacyr Flores, o fato ocorreu em 9 de novembro de 1842, mas devido às distâncias, só no ano seguinte efetivamente Caxias assumia o comando militar das tropas legalistas (FLORES, Moacyr – *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins. 1984, p. 81.

7 SPALDING, Walter – *A Revolução Farroupilha*, São Paulo, Nacional. 1980 [1939], p.204 e ss.

resultou em sua morte, dias depois. Acusava-se como mandante ao próprio Bento Gonçalves, chefe maior da revolução e então Presidente da República de Piratini. O motivo seriam dissidências políticas entre os dois, pois estava em discussão a Constituição da nova república. Enquanto Bento Gonçalves exigia poderes extraordinários para o seu mandato, Fontoura a ele se opunha⁸. Mesmo que se leve em conta a demora na circulação das informações na província, é impossível imaginar-se que tal acontecimento não ecoasse em toda a região e especialmente em Porto Alegre...

Aliás, o próprio debate em torno da constituição da nova república era um tema constante nos (escassos) jornais da época, fossem os monarquistas, fossem os oposicionistas, como o bi-semanário Estrela do Sul, que acabara de substituir O americano: a existência de dois jornais também evidencia a dissidência então existente entre os diferentes grupos dos revolucionários sul-rio-grandenses.

No conjunto das efemérides, neste volume bem mais detalhadas, como destacamos, encontramos, assim, referências a batalhas em São Gabriel, na região do rio Camaquã, e, muito especialmente, a batalha do Poncho Verde, ocorrida no dia 26 de maio de 1843, e que foi uma das mais importantes de toda a guerra, cuja vitória era reivindicada por ambos os lados. Por fim, não se pode esquecer que, em agosto, Bento Gonçalves, alegando problemas de saúde, entregava a Presidência a José Gomes de Vasconcelos Jardim. Na verdade, Bento Gonçalves sucumbia às dissidências e se afastava do movimento. O acontecimento, embora posterior à publicação em pauta, certamente teria sido antecedido de informações e contra-informações...

O que se pode concluir deste levantamento, embora sumário? É difícil aceitar-se desconhecimento por parte do *correspondente* da publicação. Basta lembrar que o material por ele enviado deriva de publicações que, sobretudo na época, circulariam muito reduzidamente,

⁸ Uma versão *oficialista* refere que teria sido um crime passionai, realizado pelo marido traído de uma amante daquele político.

o que evidencia um sujeito curioso e bem-informado. Pode-se imaginar que, estrangeiro, o *correspondente* tenha preferido não se comprometer: afinal, em 1843, as coisas estavam ainda indefinidas: não se sabia se, de fato, a República de Piratini vingaria ou se o Império conseguiria, como de fato o fez, ganhar a luta.

Acima de tudo, contudo, pode-se imaginar que a característica da publicação – mais aproximada de uma enciclopédia – preocupada com a *ilustração* do leitor, valorizando questões mais universais e permanentes, deve ter decidido o *correspondente* a não tocar no assunto, nem por linhas transversas. Afinal, e apesar de tudo, uma revolução era um acontecimento *efêmero* e Panorama pretendia, segundo seu ideário, focar temas com permanência e que sobrevivessem, de fato, à própria publicação, tornando-se, assim, *universais*. A publicação não se pretendia um jornal, mas sim, uma revista de ilustração, o que era bem diferente...

De qualquer modo, fique aqui o registro desta presença *única e diferenciada* da Província do Rio Grande do Sul – então a transitória República de Piratini, ao menos em parte de seu território – nas páginas de uma revista portuguesa que pretendia abarcar o conhecimento universal e transmiti-lo a seus leitores...

Referências bibliográficas

ARARIPE, Tristão de Alencar Araripe - **Guerra civil no Rio Grande do Sul – Memória acompanhada de documentos lida no Instituto Histórico e Geographico do Brazil**, edição facsimilada da Typographia Laemmert, Rio de Janeiro. 1881, organizada pela Comissão Executiva do Sesqui-centenário da Revolução Farroupilha – Sub-comissão de Publicações e concursos, Porto Alegre, Governo do Estado do Rio Grande do Sul. 1986.

CÉSAR, Guilhermino – **História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**, Porto Alegre, Globo. 1971.

FLORES, Moacyr – **Revolução Farroupilha**, Porto Alegre, Martins. 1984

ISABELLE, Arsène – **Viagem ao Rio Grande do Sul**, traduzido e editado por Dante de Laytano, Porto Alegre, Martins Livreiro.1983.

LAYTANO, Dante de - **História da república rio-grandense**, Porto Alegre, ARI-Sulina. 1983.

MOREIRA, Maria Eunice – **Narradores do Partenon Literário**, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro. 2002.

NOAL FILHO, Valter Antonio et FRANCO, Sérgio da Costa (Orgs.) – **Os viajantes olham Porto Alegre (1754-1890)**, Santa Maria, Anatterra. 2004.

PEREIRA, A. Xavier da Silva. **Dicionário jornalístico português**. Manuscrito inédito conservado na Academia das Ciências de Lisboa, Mss. série azul, n.º 445, 1895.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira – **Vultos e fatos da Revolução Farroupilha**, edição organizada por Paulo Brossard, Brasília, Imprensa Nacional. 1990.

SPALDING, Walter – **A Revolução Farroupilha**, São Paulo, Nacional. 1980 [1939].

TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. 2ª edição. Lisboa: Caminho, 1989.

ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Cosuelo et BAUMGARTEN, Carlos A. (Orgs.) – **O Partenon Literário – Poesia e prosa**, Porto Alegre, Instituto Cultural Português-Escola Superior de Teologia.1980.